

A representação de transexuais e travestis na mídia

RESUMO

A mídia, principalmente o campo audiovisual, possui inegável caráter formador de opiniões, exercendo enorme influência perante as massas. Muitas vezes, sua atuação é negativa em relação à diversos grupos sociais, perpetuando inúmeros estereótipos e fomentando preconceitos. Levando em conta essas afirmações, este artigo possui como enfoque a representação de transexuais e travestis em produções midiáticas brasileiras e norteamericanas. Através de análises de filmes e séries de TV, a pesquisa procurou estudar a visão geral das produções em relação às personagens trans e comentar o nível de influência de tal representação na construção dos estigmas em relação à comunidade trans. Ficou claro, ao fim, que existe um segmento da mídia que busca garantir a representatividade desta comunidade, enquanto outros continuam repercutindo preconceitos, demonstrando que ainda existe um longo caminho a ser traçado para garantir uma representação geral satisfatória.

PALAVRAS-CHAVE: mídia, audiovisual, estereótipos, LGBT, trans

INTRODUÇÃO

O que é um(a) transexual? O que é um(a) travesti? Qual a diferença entre ambos estes termos? Essas são as perguntas mais frequentes nas discussões atuais sobre o assunto, e suas respostas servem de base para o entendimento da temática abordada no meu artigo. Segundo o Manual de Comunicação LGBT da ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – transexual é:

Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções médico-cirúrgicas para realizarem a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais) a sua identidade de gênero constituída. (ABGLT, 2010, p. 17)

Ainda segundo a Associação, travesti é:

Pessoa que nasce do sexo masculino ou feminino, mas que tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes daquele imposto pela sociedade. (...) Diferentemente das transexuais, as travestis não desejam realizar a cirurgia de redesignação sexual. (ABGLT, 2010, p. 18)

Apesar das definições apresentadas, há debates incessantes sobre o que define uma pessoa como travesti, transexual, transgênero etc. Por fazer parte da comunidade LGBT e possuir amigos transexuais e travestis, sei que a classificação através da existência ou não de um órgão genital (hipergenitalização) para a definição destes termos é considerado por muitos como abusiva e desnecessária, pois os reduz a algo estritamente sexual, perpetuando o estigma que relaciona-os ao prazer sexual e à prostituição. Os estereótipos criados pela sociedade de que travestis são pobres, prostitutas e marginais faz com que muitas pessoas prefiram identificar-se como transexuais, já que estas são vistas como “mais mulheres” que as travestis. (BARBOSA, 2010)

Acompanho há anos o sofrimento e a discriminação sofrida principalmente por amigos e colegas travestis e transexuais. Acredito, portanto, que minha pesquisa é um dever perante a comunidade LGBT e uma forma de expôr um problema cada vez mais discutido nos dias de hoje, principalmente na mídia. A partir disso, surgem algumas questões: como travestis e transexuais são representados em filmes e programas de TV? Qual a influência da mídia na construção do estereótipo relacionado a esses indivíduos? Existem pessoas ou produções midiáticas atualmente buscando representá-los de maneira correta?

Esclareço, portanto, que o objetivo geral deste artigo é estudar os problemas relacionados à representação de travestis e transexuais na mídia, especificamente em filmes e programas de TV brasileiros e norteamericanos, buscando analisar o nível de influência de tal representação na formação de estereótipos na sociedade em geral e apresentando quais são as medidas adotadas atualmente por produções audiovisuais para solucionar tais problemas. Cabe adicionar que durante este artigo serão utilizadas as terminologias escolhidas pela produção do material estudado. Além disso, é importante ainda esclarecer que os termos cissexual/cisgênero serão utilizados e referem-se a indivíduos que identificam-se com o gênero imposto a eles ao nascer.

METODOLOGIA

Este artigo possui caráter bibliográfico e foi realizado com base em pesquisa qualitativa, visto que esta estruturou-se inteiramente no estudo de filmes e séries de TV brasileiros e norteamericanos de relativa popularidade.

De início foram selecionados os filmes e séries de TV de minha escolha com base no meu conhecimento anterior do conteúdo dos mesmos, já que havia assistido-os casualmente durante os anos. Também foi levado em conta a popularidade de cada um e se a representação das personagens transexuais na trama é considerada positiva ou não. As produções escolhidas foram o filme brasileiro “Carandiru” (2003); o filme canadense “Laurence Anyways” (2012); o episódio “Quagmire’s Dad” da série estadunidense “Family Guy” (2010); e o episódio “Lesbian Request Denied” da série estadunidense “Orange Is The New Black” (2013).

Após a seleção do material a ser estudado, foram utilizadas plataformas on-line de reprodução de conteúdos audiovisuais como Netflix e Popcorn Time para que as produções

escolhidas fossem reassistidas e analisadas minuciosamente por mim. Foram levados em conta para as análises aspectos como: posição social na qual a personagem transexual ou travesti é inserida; como as demais personagens tratam o indivíduo em questão; se a personagem travesti ou transexual é representada por um ator ou atriz cissexual; e possível objetivo da escolha da personagem em questão para a produção analisada. Além disso, estudei artigos e textos recentes que tratam tanto da representação de indivíduos trans na mídia em geral como nas produções que escolhi, a fim de melhor basear a construção e análise dos resultados da minha pesquisa.

Por fim, os resultados dos estudos e análises feitos foram tratados e organizados para exposição neste artigo. Coube também iniciar uma breve discussão em alguns dos materiais estudados sobre se o conteúdo é de apoio ou repressão à comunidade trans e qual a sua possível influência na luta pela visibilidade trans.

RESULTADOS

A apresentação dos resultados da pesquisa realizada divide-se em duas partes: a primeira relacionada à análise dos filmes selecionados e a segunda relacionada à análise dos episódios das séries de TV selecionadas.

Parte I: Análise dos filmes

• LAURENCE ANYWAYS (2012)

Com quase 3 horas de duração, o filme canadense expõe 10 anos da relação entre a transexual Laurence Alia e de sua noiva, Fred Belair, focando na dificuldade apresentada à Laurence e ao relacionamento em questão quando a personagem inicia sua transição aos 30 anos de idade. A trama se passa durante os anos 80, quando o tema da transexualidade era muito pouco discutido, o que certamente influencia na transição tardia da personagem principal.

Dirigido por Xavier Dolan, homossexual e ativista LGBT, o longa é considerado por muitos, assim como eu, como uma boa representação da comunidade trans no cinema. A dificuldade enfrentada por Laurence ao assumir sua identidade à sua noiva é muito bem desenvolvida e evidencia um grande obstáculo enfrentado por muitos transexuais heterossexuais na vida real. Além disso, o filme mostra-se extremamente ético ao focar nos problemas sociais enfrentados por Laurence devido à sua transição em detrimento dos problemas em relação à mudanças no seu corpo (como cirurgia de transgenitalização, por exemplo). Esse ponto também é destacado numa análise do filme feita pelo blog Indiewire:

It's precisely the fact that it's a humanizing story about two people in a universal sort of relationship struggle that makes it so notable, compelling, and good. It's extremely frustrating for those in the trans community to have their identities reduced to genitalia but it happens very often in films and film reviews. Many trans people cannot afford gender confirming surgeries. Genitalia does not equal gender just as what surgeries a person may or may not have had also does not equal their gender. (CLARKE, 2014)

Existe um momento de destaque para mim no filme que mostra a inserção social da personagem transexual na trama e a visão das demais personagens em relação à ela. Laurence, que é professora de francês, teme a reação de seus alunos e colegas de trabalho caso vá pela primeira vez vestida como mulher à escola. Quando finalmente enfrenta seu medo, ambos a personagem e o espectador são surpresos com a reação dos alunos e demais professores, que agem naturalmente à mudança, respeitando a transição de Laurence.

Apesar dos inúmeros aspectos positivos anteriormente mencionados, o filme precisa ser criticado pela escolha de um ator cissexual (Melvil Poupaud) para representar Laurence. Sua masculinidade é extremamente presente durante a trama, o que dificulta a representação do desenvolvimento de sua transição ao longo dos 10 anos. Não há referência à tratamentos hormonais e a personagem muitas vezes apresenta um visual demasiadamente masculino, o que não teria problema se o diretor houvesse objetivado criar uma personagem de gênero fluido ou até mesmo neutro. A representação visual da personagem, portanto, é falha, podendo causar confusão na mente do espectador, o que não necessariamente ajuda na luta pela visibilidade trans.

• CARANDIRU (2003)

Baseado no livro “Estação Carandiru”, de Dráuzio Varella, o filme conta a história real de alguns dos detentos da superlotada Casa de Detenção, presídio conhecido como “Carandiru”, mostrando os dramas existentes no local e as dificuldades enfrentadas pelo próprio Dráuzio ao tentar iniciar um programa de prevenção de AIDS entre os presos.

Uma das personagens coadjuvantes do longa (e o foco desta discussão) é a travesti detenta conhecida como Lady Di, interpretada por Rodrigo Santoro. Durante um teste de HIV que está sendo realizado no presídio é que conhecemos a personagem e sua história: rejeitada pelos pais após identificar-se como travesti, Lady Di inicia uma vida de prostituição, inclusive dentro da prisão. Não fica claro, porém, o motivo pela qual a personagem foi presa. Lá, conhece Sem Chance, um presidiário e auxiliar de Dráuzio Varella com quem mantém uma relação amorosa que eventualmente levará ao casamento entre ambos durante a trama. Esta relação é de amor intenso e vai muito além do viés sexual, o que é um aspecto importante da produção por ajudar a combater a hipersexualização de travestis.

Durante minha análise do filme ficou evidente uma singela mas importante falha que é muitas vezes repetida: Lady Di é referenciada como “o travesti”, quando o correto uso do termo é “a travesti”, já que refere-se a um indivíduo que identifica-se com o gênero feminino. A crítica principal, porém, é de mesma natureza da realizada anteriormente em relação a “Laurence Anyways”: a personagem travesti é interpretada por um ator cissexual, o que é desnecessário já que existem inúmeros atores trans que certamente aceitariam o papel em questão, possivelmente até fazendo um melhor trabalho que Rodrigo. Apesar disso, a maneira respeitosa com a qual o assunto é lidado em geral pela produção é notável e fica clara num trecho extraído do site Brasília Web de entrevista concedida por Santoro:

Interpretar Lady Di foi um grande desafio. Nossa intenção era mostrar a personagem como ser humano, com seus sentimentos e alegrias, sem cair no estereótipo. (...) Tentei fazer um trabalho puro, dando o máximo de dignidade. Pesquisei com travestis de São Paulo e do Rio, pra conhecer as dificuldades e me despir de qualquer preconceito para poder viver um grande amor com o Sem Chance. (SANTORO apud PANTOJA, 2011)

Em linhas gerais, “Carandiru” pode ser considerado uma boa representação de uma travesti na mídia, principalmente por inserir a personagem numa posição de ser humano com sentimentos, frustrações e dificuldades e não apenas objeto sexual ou motivo de repulsa. Esse tipo de representatividade mostra-se extremamente importante num país como o Brasil, líder no número de mortes de transexuais e travesti em todo o mundo. (TGEU, 2013)

Parte II: Análise dos episódios de séries de TV

• “LESBIAN REQUEST DENIED” — ORANGE IS THE NEW BLACK (2013)

“Orange Is The New Black” é uma série norteamericana que vem adquirindo um gigantesco público espectador desde quando foi lançada, em 2013, por diversos motivos, mas principalmente pela incomum representatividade de minorias em grandes produções audiovisuais (mulheres, lésbicas, bissexuais, transexuais etc). Inspirada no livro “My Year in a Women’s Prison”, da produtora Piper Kerman, a série mostra a vida de Piper Chapman em uma prisão para mulheres em Litchfield, Connecticut. Apesar de ser a personagem principal, a vida de diversas outras detentas também é foco da trama. Uma delas, porém, é a personagem da qual o episódio analisado se trata e da qual meus estudos foram baseados, cabendo apresentar sua história e iniciar uma breve discussão sobre o seu impacto na luta pela visibilidade trans.

Sophia Burset, interpretada pela atriz transgênero Laverne Cox, é uma das detentas em Litchfield. No episódio analisado, dirigido pela atriz Jodie Foster, homossexual e ativista LGBT, é mostrado um pouco sobre a vida e as dificuldades enfrentadas pela personagem, tanto durante sua transição como após ser presa. Marcus, como era chamada antes de identificar-se como transgênero, é um bombeiro casado com uma mulher e com quem possui um filho. Vimos, em uma cena, a personagem no vestiário onde trabalha, utilizando roupas íntimas femininas por baixo de sua vestimenta masculina, já demonstrando a vontade de viver segundo a sua real identidade. Em outro momento, a personagem encontra-se em sua casa, no início de sua transição, experimentando roupas femininas com a ajuda de sua esposa. Esta, por sua vez, sofre um dilema por amar e sentir falta de Marcus, mas ao mesmo tempo quer fazer de tudo para ajudar Sophia em sua transição. Além disso, a relação entre Sophia e seu filho, apesar de breve, é apresentada como problemática, pois este sofre com a confusão de seu pai “agora” ser uma mulher.

Ao longo do episódio, vemos que Sophia foi presa por utilizar cartões falsificados para pagar por cirurgias, tratamentos hormonais etc, já que o custo de sua transição é extremamente alto. De volta ao momento presente da série, Sophia é surpreendida quando descobre que seus hormônios não lhe serão mais fornecidos pela penitenciária, o que lhe faz tomar medidas como tentar trazê-los contrabandeados por outras detentas, carcereiros e até mesmo sua própria mulher.

Neste momento, a trama denuncia dois tratamentos transfóbicos por parte da prisão: a administração não julga como emergência médica a sua falta de hormônios, e um dos carcereiros oferece contrabandeá-los em troca de favores sexuais, relacionando a transexualidade com prostituição.

De maneira geral, a personagem é tratada com respeito pelas demais e a produção da série lida corretamente com o assunto da transexualidade. “Orange Is The New Black” destaca-se, como já foi dito, pela representatividade de minorias, e Sophia é a maior evidência deste fato. Diferentemente de “Carandiru” ou “Laurence Anyways”, a personagem trans é vivida por Laverne Cox, uma atriz transgênero, o que certamente faz toda a diferença tanto para a verossimilhança da atuação como para o movimento em prol da visibilidade trans. Laverne, devido ao sucesso da série, tornou-se o maior ícone do ativismo da comunidade trans nos Estados Unidos, inclusive estampando a capa da revista Time (Figura 1), o que é certamente um marco na história desta luta. Sua influência é, portanto, extremamente importante e positiva para o reconhecimento de indivíduos trans pela população em geral, visto que o tema da transexualidade nunca foi antes tão presente em discussões, principalmente na mídia.

Figura 1: Laverne Cox na capa da revista Time



Fonte: (TIME, 2014)

• “QUAGMIRE’S DAD” — FAMILY GUY (2010)

“Family Guy” é uma série de comédia em animação que satiriza uma típica família norte-americana do Século XXI. Pautado em humor negro e politicamente incorreto, seu conteúdo explora os mais diversos estigmas e preconceitos da atualidade, o que gera controvérsias e, conseqüentemente, grande audiência.

O episódio “Quagmire’s Dad” é um exemplo do que acaba de ser afirmado. Nele, o personagem Quagmire convida seus amigos Peter (personagem principal) e Joe para conhecer seu pai, Dan, um herói de guerra da marinha americana. No encontro, Peter e Joe começam a desconfiar que Dan seja gay devido a seus trejeitos e gírias, já demonstrando uma visão extremamente estereotipada por parte dessas personagens. Mais tarde, todos reúnem-se num baile de gala, onde Peter tenta convencer Quagmire de que seu pai é gay. Ao confrontá-lo, Dan afirma que não é gay, mas sim “uma mulher presa num corpo de um homem”. No dia seguinte, Dan passa por uma cirurgia de “mudança de sexo” (erro terminológico, já que o correto seria “transgenitalização”), exigindo ser referido agora como Ida.

Após um jantar na casa de Peter, Quagmire rejeita a nova identidade de Ida, o que a leva a se hospedar num hotel. Lá, por coincidência, encontra o cachorro da família, Brian, e os dois têm relações sexuais. No dia seguinte, Brian descobre através de Peter que Ida era Dan, e imediatamente começa a vomitar, seguido de um banho fervendo. Nesse momento, a transfobia característica das personagens atinge o seu nível mais alto, pois esta ação estabelece que o sexo

com um indivíduo trans é algo mais “sujo” do que o sexo com um cachorro. Ao fim do episódio, apenas Quagmire aceita Ida e sua nova identidade, enquanto as demais personagens fazem piada da situação.

Nota-se que em nenhum momento os termos transexual, transgênero ou similares são ditos, muito menos Ida corrige as demais personagens por referirem-se a ela no masculino. A reação de Brian ao descobrir sua identidade é degradante e extremamente ofensiva, já que associa a transexualidade ao sentimento de nojo. Durante todo o episódio são feitas piadas sobre Ida não ser uma “mulher de verdade”, além de menções constantes ao seu órgão genital, reforçando a noção de hipergenitalização. Seth MacFarlane, criador da série, referindo-se ao episódio, afirma: “It’s probably the most sympathetic portrayal of a transexual character that has ever been on television” (MACFARLANE apud BROWNING, 2010). Fica clara, portanto, a visão ignorante e condescendente da produção da série sobre o tema em questão.

O problema principal desse tipo de representação é que “Family Guy” atinge principalmente homens entre 18-49 anos e pessoas entre 12-34 anos, num total de aproximadamente 4 milhões de espectadores por episódio (RICE, 2015) o que significa que a série é formadora de opiniões da geração mais jovem, consequentemente perpetuando preconceitos e estereótipos que deveriam ter sido extinguidos na geração passada. A influência desse tipo de programa, portanto é alarmantemente e deve ser considerada perigosa quando possui um teor tão ofensivo quanto o exposto anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas e dos resultados obtidos, verifica-se que há uma tentativa por parte da mídia em representar indivíduos trans, porém erros crassos ainda são cometidos recorrentemente. Alguns programas, como “Orange Is The New Black”, tentam (e conseguem) educar seus espectadores quanto ao que é ser trans e as dificuldades enfrentadas por esses indivíduos, e devem ser tomados como exemplo para futuros produtores, roteiristas, diretores etc. Outros, como “Family Guy”, são extremamente perigosos à formação de opinião da geração atual, já que perpetuam inúmeros estereótipos, e devem, em minha opinião, ser boicotados.

De maneira geral, ficou claro que a representação de transexuais e travestis, tanto na mídia brasileira como na norteamericana, é extremamente falha e necessita de inúmeras correções. Líderes do movimento trans, porém, como Laverne Cox, estão buscando mudar através da própria mídia o que este meio expõe, já que a sua influência sobre a opinião da população em geral é extremamente elevada. Ademais, acredito ser importante acrescentar aqui dados de uma pesquisa realizada pela organização não-governamental GLAAD, que analisou 102 episódios de séries de TV norteamericanas exibidos entre 2002 e 2015 a fim de definir parâmetros sobre a representação da comunidade trans na mídia e expor o longo caminho que deve ser percorrido a fim de atingir uma representatividade satisfatória. (GLAAD, 2012)

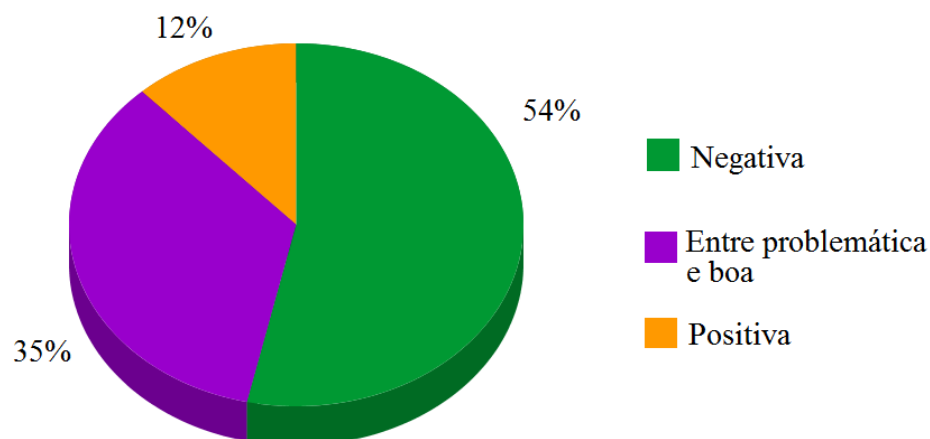


Figura 2: gráfico explicativo da má representação de indivíduos trans na mídia

A Figura 2 nos mostra, através de um gráfico, o quão alarmante é a situação do problema em questão, já que 54% dos episódios analisados foram considerados representações negativas da comunidade trans, enquanto apenas 12% foram considerados positivos. Os dados desta pesquisa confirmam, *grosso modo*, o que este artigo apresentou como resultados. Talvez, se eu tivesse buscado ser um pouco mais rigoroso ou feito uma pesquisa mais aprofundada, teria obtido dados mais parecidos com os do gráfico e mais alarmantes do que os que apresentei, porém o tempo relativamente curto de realização deste artigo impediu que isso fosse possível. De qualquer maneira, acredito que meu artigo realizou, com sucesso, os objetivos e as metas estabelecidas.

REFERÊNCIAS

ABGLT. *Manual de Comunicação LGBT*. Curitiba: Ajir Artes Gráficas e Editora Ltda., 2010. 52 p.

BARBOSA, Bruno C. *Nomes e Diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual*. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BROWNING, Bil. History Repeating: Family Guy goes transphobic. 2010. Disponível em <http://www.bilerico.com/2010/05/history_repeating_family_guy_goes_transphobic.php> Acesso em: 21 de mar. 2015.

CARANDIRU. Direção: Hector Babenco. Produção: Hector Babenco; Óscar Kramer e Rui Pires. Intérpretes: Wagner Moura; Luiz Carlos Vasconcelos; Milton Gonçalves; Caio Blat; Rodrigo Santoro; Dráuzio Valera e outros. Roteiro: Hector Babenco; Fernando Bonassi e Victor Navas. Baseado no livro “Estação Carandiru” de Dráuzio Varella. BR Petrobrás; Columbia TriStar Filmes do Brasil; HB Filmes e Oscar Kramer S.A., 2003.

CLARKE, Dominic. Trans in the Mainstream: Xavier Dolan's 'Laurence Anyways'. 2014. Disponível em: <<http://blogs.indiewire.com/bent/trans-in-the-mainstream-xavier-dolans-laurence-anyways-2014-0726>>. Acesso em: 14 de abr. 2015.

FAMILY Guy. Direção: Peter Shin; James Purdum; Dominic Bianchi; e outros. Produção: Seth MacFarlane; Kara Vallow; Danny Smith; e outros. Episódio: *Quagmire's Dad*. IN: Family Guy. Produção de Steve Callaghan; Patrick Meighan; Seth MacFarlane e outros. Direção de Pete Michel e Peter Shin. 20th Century Fox Television; Fuzzy Door Productions, 2010.

GLAAD. Victims or Villains: Examining Ten Years of Transgender Images on Television. 2012. Disponível em: <<http://www.glaad.org/publications/victims-or-villains-examining-ten-years-transgender-images-television>>. Acesso em: 30 de abr. 2015.

LAURENCE Anyways. Direção: Xavier Dolan. Produção: Rémi Burah; Charles Gillibert; Nathanaël Karmitz e Lyse Lafontaine. Intérpretes: Melvil Poupaud; Suzanne Clément; Nathalie Baye e outros. Roteiro: Xavier Dolan. Lyla Films e MK2 Productions, 2012.

ORANGE Is the New Black. Direção: Michael Trim; Andrew McCarthy; Phil Abraham; e outros. Produção: Mark A. Burhley; Jenji Kohan; Tara Herrmann; e outros. Episódio: *Lesbian Request Denied*. IN: Orange Is the New Black. Produção de Mark A. Burhley, Nery K. Tannenbaum; e outros. Direção de Jodie Foster. Nova York, Netflix, 2013.

PANTOJA, Renata. Rodrigo Santoro - Carandirú. 2011. Disponível em: <<http://www.brasiliaweb.com.br/integra.asp?id=0&canal=8&s=89&ss=0>>. Acesso em: 14 de abr. 2015.

RICE, Lynette. Ratings alert: What you're watching if you're 11, 50 or 34 years old (the results may surprise you!). Disponível em: <<http://www.ew.com/article/2011/03/15/ratings-by-age>>. Acesso em 21 de mar. 2015.

TGEU. TDOR 2013. Disponível em: <http://www.transrespect-transphobia.org/en_US/tvt-project/tmm-results/tdor-2013.htm>. Acesso em: 30 de abr. 2015.

TIME. 2014. Disponível em: <<https://timedotcom.files.wordpress.com/2014/05/transgender-cover.jpg?quality=65&strip=color&w=1100>>. Acesso em: 21. de mai. 2015.